

## Parte 2 - Capítulo 7 (Francisco Amorim Pereira de Castro)

Desde o primeiro momento, as nossas gargalhadas e graçolas palermas quebraram a rigidez das aulas. O Pedro esforçava-se por camuflar (ou acentuar?) o ar intelectual com roupa descontraída e muitas vezes esfarrapada. Ele parecia orgulhar-se da sua aparência de alma humilde, mas livre, uma mescla de Bob Dylan e Georges Moustaki, ainda que não lhes igualasse o dom para as cantigas, pois era arte para outros senhores. Vestia-se mal e a roupa assentava-lhe mal. E era aparentemente desleixado. Aparentemente. Em verdade, tudo era pensado ao pormenor. Perante os outros, assumia, com orgulho, a postura do desapegado, do puro idealista. O seu cabelo escangalhado na perfeição e as olheiras papudas concediam-lhe um ar ora de saltimbanco sem-abrigo, ora de eterno boémio, dependendo da hora do dia ou da noite, mas desvendavam a qualquer um que ele era um sonhador.

Ainda assim, o Pedro não precisava de roupagem para se impor, era astuto e perspicaz como os melhores. A PIDE tirou-o pela pinta no primeiro, vá lá, no segundo dia, e nunca mais o largou.

Vivia na Alta de Coimbra, no número 98 da vulgarmente conhecida rua do Correio Velho, na afamada República dos Kágados. A vida em comunidade assentava na democracia quanto à tomada de decisões, um conceito invulgar naqueles tempos. Para não escandalizar a monarquia, as repúblicas estudantis eram outrora designadas como ‘real república’. O adjetivo dava um toque de sensatez ao nome, ainda que já fossem geridas como verdadeiras repúblicas. Havia, porventura, uma exceção: não eram cidadãos comuns que lá moravam, mas antes irmãos. E foi isso mesmo que descobri: há irmãos que o são para lá dos laços do sangue e da carne.

Aquela casa era indubitavelmente ‘coisa pública’, porque de tudo um pouco por lá se encontrava. Fundada em 1933, a República dos Kágados já tinha nome feito e renome merecido e os seus valores eram transmitidos de geração para geração, de kágado veterano para kágado caloiro.

Se a farra era muita, a solidariedade também; e se código de conduta havia, era pautado pela intensa intervenção contestatária dos seus moradores. Muitos dos que por lá passaram fizeram história, mas não tinham a desvantagem de serem filhos de coronéis da PIDE. Talvez o meu nome permaneça na memória de alguns kágados como vaga recordação. Tenho certamente o mérito de ser pouco mais do que um desconhecido.

Não era sem certa inveja que espreitava o Pedro rodeado noite e dia pelos «irmãos» da república. Como não invejar? Enquanto eles proclamavam, em tom de quem busca a força da união, «somos das mais antigas repúblicas do mundo!», eu cambaleava sozinho, ávido por mais, ávido por tudo. Tinham um vínculo só deles e os outros ficavam de fora.

A princípio, talvez reprimido pela timidez ou inveja, não sei ao

certo, sentia-me excluído, banido desse pacto de irmandade, mas, à vergonha inicial, adveio o entusiasmo da vida estudantil, despertado a pouco e pouco pelo Pedro. Assim, passei a acompanhá-lo para todo o lado, como o discípulo segue o mestre, e acabei por me inserir no meio.

No final do primeiro ano, num dos meus momentos de maior orgulho, e ainda que não vivesse na república, tornei-me de forma quase espontânea e certamente merecida, um kágado também. Rapidamente, a república converteu-se na minha segunda casa: era o ponto de encontro diário de todos os «irmãos», o epicentro do convívio e da taina, mas onde a luta pela democracia e liberdade era tenaz. Eu e o Pedro éramos então inseparáveis; por vezes, conseguia mesmo ler-lhe os pensamentos.

Toda a república se acomodava numa casa estreita de quatro pisos, ajeitada entre um edifício similar e uma escadaria, as afamadas e muito concorridas escadas kagadais. Duas singelas portas de duas folhas no rés-do-chão e duas pequenas janelas aos quadrados em cada um dos andares superiores por onde entrava parca luz, enfeitadas pelos objetos mais bizarros, enchiam a fachada lisa. A porta de entrada estava sempre aberta para conhecidos e desconhecidos. No interior, a confusão era comum. A senhora Virgínia, ou Gina, como todos carinhosamente a tratavam, não fizesse também ela parte da irmandade, servia lá há largos anos. Competia-lhe cozinhar e ajudar na manutenção, evitando estoicamente que a casa desabasse sobre todos. Ao longo dos trinta e quatro anos em que trabalhou para a república, a valente mulher de tudo um pouco deve ter visto, mas nunca lhe faltou paciência para enfrentar as malandrices dos rapazes, nem para preparar à pressa mais um prato para um qualquer convidado - ou dois ou três ou quatro - de última hora.

## Parte 3 - Capítulo 6 (Coronel Augusto Pereira de Castro)

O Dr. Azevedo não era apenas um intelectual com mania de que as teorias e tertúlias de cafés podiam mudar o mundo. Pertencia também àquela espécie de homens contaminados por perniciosa obsessão por mulheres alheias. A humilhação roía-me. Já imaginava o maior dos vexames. Mais cedo ou mais tarde, a verdade seria descoberta. Encurralado pelo adultério da minha mulher, o que seria de mim? A traição de uma mulher em nada se assemelha à do homem: é mais aguçada, mais pungente no golpe. Não é carne que ela procura, mas alma. E não há encontro de almas sem paixão.

Apesar da honra ultrajada e da amargura profunda — e da raiva também! —, era incapaz de a odiar. Sofria em segredo. Sofria e amava em segredo. Amava até sofrer. Soava a mártirio mais do que a amor, mas não conseguia conceber a vida sem ela. Apenas queria que ela me amasse. E há tantas formas de amar... Gratidão é uma delas.

De toda a parte recebera avisos, mas nunca quis ver e, por mais incrível que possa parecer, o pior ainda estava por vir.

Ao doutorzeco Azevedo, reservava-lhe um destino pouco piedoso. Suplício algum seria severo o bastante para aquela criatura dos infernos! E não merecia menos.

No dia seguinte à revelação, encontrei-me com o Coutinho. Poupei-me ao ritual do passeio, tasca, bagaço, desvio e portada e dirigi-me diretamente a casa dele. Precisava de saber mais, precisava que ele me desse mais detalhes. As luzes, as vozes, os odores que provinham das casas vizinhas denunciavam o aproximar da hora de jantar. Bati à porta. Ele surgiu segundos depois e fixou-me com os seus espantados olhos verdes. Olhou para um lado, olhou para o outro e olhou novamente para mim. Não se avistava ninguém por perto. Apenas eu.

Convidou-me a entrar num tom afito, porque, se ‘matos têm olhos e paredes têm ouvidos’, as ruas da Beira-Mar têm olhos e ouvidos bem apurados. Espreitei de relance para a casa. Não vi nenhuma mulher. Pareceu-me uma casa humilde, sem luxos e, certamente, pouco pão, mas não me alonguei, nem na observação, nem na visita: apenas os minutos necessários para o Coutinho, um tanto pressionado, me falar do Azevedo. Queria saber tudo, não aguentava permanecer na sombra.

Assaltado por repentinos modos afoitos, o ‘Sal’ descreveu-me como «inteligente», «bem-falante», «confiante», «elegante» e com um sem-fim de outros atributos. Parecia gostar de me escarrapachar na cara tantas qualidades. Pelo bem que dele me dizia, não podia ser boa pessoa. Nem um único defeito, nem uma pequena crítica. Sempre desconfiei de pessoas assim. Cá para mim, não passava de mais um daqueles intelectuais de palavreado oco, tão sagaz quanto charlatão.

Os intelectuais como o Azevedo não respondiam bem ao espantamento. Mereciam outro tipo de tortura. Uma tortura para eles. Para aqueles que acreditavam que cavaquear ao redor de uma mesa podia mudar o mundo e libertá-lo de todos os males. Esses cavaleiros eruditos, com vidas mais bizarras do que as palavras com que falavam, eram donos de uma vaidade e arrogância tão desmedidas que não estava ao alcance de todos torturar-lhes o ego. Nem do Ramos. Revelava-se-lhe um caráter demasiado brando para casos desses. Mas, na hora do açoite, a PIDE sabia a quem recorrer.

Em vez de murros e pontapés, apostava-se na reputada e eficiente tortura do sono. Sem sono nem repouso, e ainda privados do banho, os presos eram apenas autorizados a passar água pela cara e, com sorte, a lavar os dentes. Derrubava-se-lhes logo o pedantismo. Aquela gente vivia de amor-próprio, era o que lhes era mais valioso. Sem nunca descurar a postura e o traje, gostavam de se ouvir inflamar, aperlaltados em elegantes fatos da moda, em discursos iluminados que poucos alcançavam. Era quase mordaz. Mas os agentes da PIDE, entre dois ou três pontapés e meia dúzia de socos, arruinavam-lhes prontamente a dignidade ao som estridente do enxovalho. Para aqueles comunistas da alta-roda, era um murro certo no ego.

# O Último Voo da Gaivota

O *Último Voo da Gaivota da Cidade do Sal* é um romance narrado a três vozes que mistura drama, mistério e reflexões sobre a condição humana e a passagem do tempo. Ambientado entre 1967 e 2012, é um livro que se apresenta em forma de memórias e explora, de forma crua, os conflitos pessoais, assim como as várias nuances das relações humanas, oferecendo uma perspectiva íntima de como as pessoas lidavam com os desafios desencadeados pelo contexto político opressivo durante a transição de Portugal do Estado Novo para a democracia pós-25 de Abril de 1974.

A história está centrada em Aveiro, mas com algumas passagens em Coimbra e no Brasil, o que proporciona um cenário rico e variado. A paisagem e o ambiente ligado à safra do sal da pequena e discreta cidade de Aveiro têm um papel importante na construção da atmosfera.

A narrativa desenrola-se através das perspectivas de uma salineira, de um emigrante e de um censor do regime, cujas histórias se entrelaçam de forma original, mantendo o mistério até ao fim. As personagens, apresentadas com grande profundidade psicológica, fornecem um olhar multifacetado sobre a vida durante a ditadura portuguesa, permitindo ao leitor entender as complexidades e os dilemas enfrentados por pessoas comuns sob um regime autoritário. A autora utiliza o amor em todas as suas vertentes (materno, paterno, fraterno, romântico e até a amizade) para explorar temas profundos como a repressão política (portuguesa e brasileira), a censura, as tipografias clandestinas, a infertilidade, o aborto, a saudade, a perda, a traição, a esperança e a resiliência.

A história de amor entre Maria Antónia Coutinho, jovem salineira de Aveiro e filha de um tipógrafo clandestino, e Francisco de Castro, estudante de Direito em Coimbra e filho de um coronel da censura, serve como fio condutor para explorar essas temáticas. A relação proibida entre as duas personagens não só reflete as tensões sociais e políticas da época, mas também enfatiza as consequências pessoais e emocionais de viver sob um regime opressivo.

S. Costa Brava é elogiada pela sua capacidade de combinar ficção com elementos históricos reais, fundamentando as suas histórias em pesquisas detalhadas e entrevistas. O livro foi, aliás, revisto pela Professora Doutora Maria José Curado, especialista da evolução e história urbana de Aveiro. A prosa de S. Costa Brava é descrita como envolvente e emotiva, capaz de prender o leitor do início ao fim. A escritora convida os leitores a explorar a resistência, o amor e a busca por liberdade num período complexo da História de Portugal. A profundidade dos sentimentos e a complexidade das situações retratadas fazem com que o leitor seja levado a refletir sobre a natureza humana.

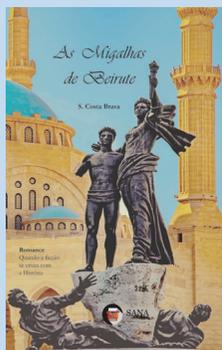
Até onde iria por amor? Até onde iria por amor a um filho?



## S. Costa Brava

Nasceu e cresceu em Paris, mas foi em Portugal que se formou em Línguas e Literaturas. Trabalhou vários anos como professora em Portugal antes de seguir novos rumos com a família. Foi enquanto vivia no Médio Oriente que despertou a vontade de escrever. Começou por um ensaio e um conto infantil que venceu um concurso literário, antes de se estrear no romance com *As Migalhas de Beirute* (Sana Editora). Em 2018, mudou-se para África e a paixão foi imediata. Escreveu então o seu segundo romance: *O Veneno de KwaZulu* (Sana Editora). *O Último Voo da Gaivota da Cidade do Sal* é o seu terceiro romance. Vive atualmente em Portugal, onde alia a sua profissão à escrita.

## Outros livros da autora:



# S. COSTA BRAVA

## FEIRA DO LIVRO DE FRANKFURT 2024



SANA<sup>®</sup>  
EDITORA

# O ÚLTIMO VOO DA GAIVOTA

DA CIDADE DO SAL



"Dizia ter medo de trovoadas, mas guardava no coração mil tempestades. No seu íntimo, o receio maior era ser normal. Por sorte, a normalidade nunca foi o forte da família Amorim Pereira de Castro."

S. COSTA BRAVA



SANA<sup>®</sup>  
EDITORA

O ÚLTIMO VOO DA GAIVOTA DA CIDADE DO SAL